

MENDONÇA, João Marcos. *Doce amargo: um relato em quadrinhos do maior desastre ambiental do Brasil*. São Paulo: Nemo, 2025, ISBN: 978-85-8286-650-4.

Pablo de Oliveira Lopes

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) | São Caetano do Sul | SP | BR

lopespo33@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6779-2263>

Lançado em 2025 pela editora Nemo, do Grupo Autêntica, *Doce amargo: um relato em quadrinhos do maior desastre ambiental do Brasil*, de João Marcos Mendonça, trata do rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro de Fundão, localizada na cidade mineira de Mariana, ocorrido em 2015. Destinada não só ao público infantojuvenil, mas também ao adulto, a obra discorre sobre os efeitos da lama tóxica que atingiu o Rio Doce¹ e alcançou 38 municípios, entre eles, Governador Valadares,² cidade onde residem João Marcos e sua família. A ruptura de uma estrutura que armazenava 55 milhões de metros cúbicos de resíduos – o que corresponde a 21.000 piscinas olímpicas – levou a mudanças significativas na vida de milhares de pessoas.

Em 181 páginas, o autor, quadrinista que colaborou com ilustrações para a *Detective Comics* 27 e é professor da Universidade Vale do Rio Doce, além de mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, produz uma crônica contando como um evento extraordinário afetou o seu dia a dia, de sua família e da cidade onde vive.

Para tanto, recorre a características desse gênero literário, conforme apontam Nascimento e Santos (2016): promove a reflexão sobre um assunto de interesse público, apresenta pessoas comuns como personagens (sua esposa, Simone, e seus filhos, Ana e Pedro), sem lhes dar aprofundamento psicológico; utiliza linguagem simples, coloquial, próxima da oralidade; e, enquanto narrador-personagem, faz com que o leitor ou a leitora acompanhe os acontecimentos como uma testemunha guiada por ele, a qual registra de maneira pessoal o que ocorre. Com isso, interpreta um fato relevante, muitas vezes visto de maneira ampla, por afetar a vida de muitas pessoas, a partir do seu próprio ponto de vista, tornando-o singular.

É o que se pode ver em trecho do prefácio do livro:

João não precisou criar um personagem. Ele já era parte da história. Testemunha e sobrevivente, pai, marido, filho, cidadão. Sua resposta ao desastre foi desenhar, transformar a tragédia em traço e o trauma em narrativa gráfica. Como se o qua-

¹ A bacia do rio Doce situa-se na região Sudeste, encontra-se distribuída em 229 municípios, sendo 203 mineiros e 26 capixabas. Em 2010, a população da bacia girava em torno dos 3,3 milhões de pessoas. (Rio, 2026).

² Cidade do leste de Minas Gerais, que tem 266.561 habitantes.



drinho, esse território entre o silêncio e a fala, pudesse finalmente dar conta do que tantas vezes foi negado, ignorado ou distorcido (Santana, 2025, p. 3).

João narra a história, em ordem cronológica, partindo de 5 de novembro de 2015, às 15h45, momento exato em que a barragem se rompe, até 5 de novembro de 2016, data que marca o primeiro ano daquela que é a maior tragédia ambiental do Brasil. E, considerando que “[na] crônica, permanece a ideia de registrar o ocorrido em um intervalo de tempo, de servir de memória do que já passou” (Siebert, 2014, p. 676), Mendonça divide o texto em partes e, eventualmente, em capítulos. As partes correspondem aos marcos temporais definidos por ele: “5 de novembro de 2015, às 15:45 horas, a barragem de rejeitos de Fundão se rompeu”; “novembro de 2015”; “dezembro de 2015”; “janeiro de 2016”; “fevereiro de 2016”; “agosto de 2016”; “outubro de 2016” e “novembro de 2016”.

Com o desenrolar dos acontecimentos, o escritor expõe as repercussões da destruição da barragem da empresa Samarco, subsidiária da Vale,³ responsável por lançar no rio que lhe rendeu o nome os resíduos sólidos e a água resultantes do processo de separação do minério de ferro das frações de baixo valor comercial. Tal exposição é feita ao valorizar a percepção dos moradores sobre os impactos do desastre em seu cotidiano: enormes filas nos supermercados e demais locais de venda de água, onde, apesar dos preços abusivos praticados, o produto era disputado em meio a confusões frequentes; saques a estabelecimentos comerciais; e assaltos covardes a pessoas que conseguiam comprar água.

É possível depreender a dimensão humana e social da tragédia ambiental a partir da visão de pessoas comuns, enriquecida por ilustrações de João Marcos, coloridas por Mariane Gusmão. As imagens são capazes, por exemplo, de mostrar como a lama tóxica, que tinha um mau cheiro insuportável, exibia uma forte cor laranja e era composta por material denso. Elas também retratam o incômodo, a angústia e até o desespero de quem não tinha água para beber nem para se banhar. Os desenhos dão, assim, vazão aos sentimentos humanos, representados por expressões faciais captadas *in loco* pelos olhos de quem viu de perto a poluição de um rio e que resultou na suspensão do fornecimento de um recurso natural crucial à sobrevivência humana.

Entretanto, mesmo diante dessa realidade, que transformou totalmente o dia a dia das famílias, a empresa Samarco demorou a se pronunciar sobre o ocorrido. Teve-se que esperar 6 dias desde o rompimento da barragem para que houvesse uma entrevista coletiva dos dirigentes da mineradora. João Marcos ironiza isso ao lidar com o assunto no capítulo “Desculpas e promessas”, como se pode observar na ilustração abaixo.

³ A Vale é uma das principais empresas de mineração do mundo e a maior produtora de minério de ferro. Fundada em 1942 como Companhia Vale do Rio Doce, foi criada durante o governo de Getúlio Vargas para a exploração das minas de ferro na região de Itabira/MG. Em 2009, sua marca e nome passaram a ser apenas “Vale”. (Redação Faz Capital, 2025).

Figura 1 – Criticando as “Desculpas e promessas”.



Fonte: João Marcos Mendonça, 2025.

A despeito do tom sarcástico e até questionador, considero que o autor poderia ter sido mais incisivo ao criticar as autoridades governamentais responsáveis pela fiscalização de empresas mineradoras e exigir delas as providências cabíveis. Igual comportamento de João Marcos Mendonça seria esperado ao dirigir-se à Samarco, responsável por despejar, na bacia do rio Doce, metais como arsênio, bário, cobalto, cobre, cromo, níquel e zinco, que resultaram no aumento do risco carcinogênico e em alterações das propriedades físico-químicas dos sedimentos (Davila *et al.*, 2020).

Dada a gravidade do sucedido, seria compreensível uma postura mais agressiva e vigilante por parte do quadrinista, pois sua obra aborda um tema de relevância nacional e pode servir de fonte de consulta para estudantes e demais pessoas interessadas em informar-se sobre um dos mais impressionantes e notórios acontecimentos da história recente do Brasil. Atributos para tanto incluem a sensibilidade demonstrada no relato do ocorrido, a qualidade das ilustrações e o emprego de uma linguagem que facilita a compreensão da história por um público em potencial amplo.

Referências

DAVILA, Rafael Biscotto *et al.* Heavy Metals in Iron Ore Tailings and Floodplain Soils Affected by the Samarco Dam Collapse in Brazil. *Science of The Total Environment*, [s. l.], v. 709, [n. p.], mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2019.136151>.

MENDONÇA, João Marcos. *Doce amargo*: um relato em quadrinhos do maior desastre ambiental do Brasil. São Paulo: Nemo, 2025, ISBN: 978-85-8286-650-4.

REDAÇÃO Faz Capital. Vale (VALE3). Tudo que você precisa saber sobre a mineradora líder do Brasil! In: FAZ Capital. Porto Alegre: Faz Capital, 2025. Disponível em: <https://fazcapital.com.br/renda-variavel/vale-vale3-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-a-mineradora-lider-do-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2026.

RIO Doce. In: AGÊNCIA Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA). [S. l.]: gov.br, c2026. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/sala-de-situacao/rio-doce/rio-doce-saiba-mais>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SANTANA, Hernani. Prefácio. In: MENDONÇA, João Marcos. *Doce amargo*: um relato em quadrinhos do maior desastre ambiental do Brasil. São Paulo: Nemo, 2025. p. 3-4, ISBN: 978-85-8286-650-4.

SANTOS, Ana Cecília Nascimento e (org.). *Os mecanismos enunciativos no ensino do gênero "crônica"*. Orientador: José Ricardo de Carvalho. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7335>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 675–685, set./dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140313-4713>.